

Viégas, M N. & Tsallis, A. C. O Encontro do Pesquisador com seu Campo de Pesquisa: de Janelas a Versões.

## O Encontro do Pesquisador com seu Campo de Pesquisa: de Janelas a Versões

### The Researcher Meeting with its Research Field: From Windows to Versions

Marcelo Nuñez Viégas<sup>1</sup>  
Alexandra Cleopatre Tsallis<sup>2</sup>

#### Resumo

Este artigo toma como base teórico-metodológica as proposições do campo de estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade, em particular da noção de denúncia crítica trabalhada por Bruno Latour e os conceitos de versão e reflexividade discutidos por Vinciane Despret. A partir da articulação desses conceitos com um episódio concreto de pesquisa de campo com grupos de Formação em Psicologia Transpessoal e Trabalho de Respiração Holotrópica, chegamos a uma proposição na qual tanto o método quanto as perguntas do pesquisador devem ser levadas continuamente em conta como instrumentos efetivos do processo de fabricação das versões de uma determinada leitura do campo de pesquisa.

**Palavras-chave:** trabalho de campo; estudos de ciência, tecnologia e sociedade, versões.

#### Abstract

This paper is based on the theoretical-methodological propositions of Science, Technology and Society Studies, mainly on the notion of critical denunciation used by Bruno Latour and the concepts of version and reflectivity discussed by Vinciane Despret. From the articulation of these concepts with a concrete field research episode with Transpersonal Psychology and Holotropic Breathwork training groups, we have reached a proposition in which both the method and the questions asked by the researcher are continuously taken into account as effective tools in the process of fabricating the versions of a given reading of the research domain.

**Keywords:** field research; science, technology and society studies, versions.

---

<sup>1</sup> Psicólogo, Psicoterapeuta, Especialista em Saúde Mental pelo Instituto Municipal Philippe Pinel/SMS, Especialista em Psicologia Analítica pela Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica/UNESA, Doutor em Psicologia Social pela UERJ.

<sup>2</sup> Psicóloga, Doutora em Psicologia Social pela UERJ em associação com a École des Mines (Paris), Professora Adjunta do Departamento de Psicologia Social e Institucional da UERJ. Endereço para correspondência: Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rua São Francisco Xavier, 524 sala 10.006, bloco B, Maracanã, Rio de Janeiro, Brasil. Endereço eletrônico: atsallis@gmail.com

## Introdução

O presente artigo tem como objetivo abordar o encontro do pesquisador com seu campo de pesquisa pela via da Teoria Ator-rede (TAR) e, mais amplamente, pelos estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade<sup>3</sup>. Em particular, discutimos os conceitos de versão e reflexividade propostos por Despret (2011; 2001) em sua articulação com o de denúncia crítica abordado por Latour (2002 e 2001), entendendo-os como possíveis aliados na fabricação de uma caixa de ferramentas teórico-metodológica que tem como foco ético-político *Pesquisar COM* o outro (Moraes, 2010). Nesse sentido, tanto o pesquisador como o campo de pesquisa são pontos de chegada de um processo que se define pela via do encontro.

Dessa forma, a questão que se faz premente é: como alguém, na função de pesquisador, poderia trabalhar no campo? A partir dessa pergunta outras emergem: O que se almeja através desse tipo de pesquisa? Como realizar esse trabalho de modo que ele se torne interessante para o pesquisador, para seu campo de pesquisa e para seus possíveis leitores? Tais perguntas, não obstante sua aparente ingenuidade, se tratadas mais a fundo, apresentam um tom político – de engajamento em nossa prática – a ser levado em conta: se não sabemos de início como estar em campo, pelo menos partimos da idéia de que essa estada, esse encontro, pode, por si só, produzir efeitos no mundo, engendrar realidades, criar mundos possíveis.

### Trecho de um diário de campo: o acontecimento<sup>4</sup> de um encontro

No encontro com aquilo que emerge no campo, a bússola do pesquisador começa a ganhar vida e indicar direções possíveis. As histórias do campo tornam-se assim a matéria-prima desse encontro. Gostaríamos de contar uma delas, ocorrida durante o trabalho de pesquisa realizado com os grupos holotrópicos dos módulos de formação em

Psicologia Transpessoal<sup>5</sup> e Trabalho de Respiração Holotrópica do Grof Transpersonal Training<sup>6</sup> no Brasil (Viégas, 2011). A situação em questão ganhou seus contornos no dia do encerramento de um desses módulos. Na ocasião, cada integrante teve a oportunidade de contar suas expectativas, impressões, sentimentos, ou seja, expor suas experiências vividas durante o módulo para o grupo. Vamos acompanhá-la:

*Em determinado momento, enquanto um dos facilitadores<sup>7</sup> do grupo explicava sobre os trabalhos que vinham sendo desenvolvidos com base na perspectiva Transpessoal, Paaaaaaaa, um forte ruído invadiu o salão convocando a atenção de todos: parecia que algo havia se chocado com o vidro de uma das inúmeras janelas. Minha impressão foi a de que algum pássaro havia batido no vidro.*

*Todos ficaram em silêncio, sentados olhando para a janela; porém eu, num impulso incontido, me levantei e fui ver o que acontecera. Ao abrir a janela e debruçar-me sobre a sua borda inferior, de fato constatei o que imaginara: lá estava o pássaro encolhido no canto da parede exterior do salão. Minha reação imediata foi tomá-lo em minhas mãos a fim de examiná-lo. Apesar de minha suposição de que ele pudesse estar morto percebi que ainda vivia. Trouxe-o comigo e voltei para meu lugar na roda do grupo (nas ocasiões de encerramento, e em outras tantas, o grupo se organizava em círculo). As pessoas ficaram olhando para mim durante toda a minha movimentação. Algumas perguntaram se o pássaro estava vivo. “Sim, está vivo!” Mas, como estávamos no meio da atividade, em pouco tempo voltamos a nos concentrar no assunto que estava em andamento, porém, agora, com mais um integrante. Nos minutos que se seguiram ao seu acidente, nosso novo amigo emplumado – e atordoado – aninhado em minhas mãos, vez por outra recebia o olhar curioso e preocupado de algumas pessoas do grupo. Por mais ou menos dez minutos ele ficou quieto. Às vezes me olhava assustado para logo em seguida voltar ao seu estado de torpor pós-traumático. Fiquei me perguntando (e nisso deixando de anotar coisas no meu diário de campo – pelo menos enquanto ocorria o evento) qual seria o momento de levá-lo para fora, pois cedo ou tarde ele tentaria escapar.*

*Passou-se mais algum tempo e o pássaro, de fato, escapou de minhas mãos em uma de minhas tentativas de observá-lo. Subitamente, num salto*

<sup>3</sup> Os autores desse campo com os quais mais dialogamos no presente texto são: Despret, 2011; 2001; Latour, 2001; 2000; 1994; Law, 2003; Mol, 1999).

<sup>4</sup> “Bruno Latour designa o evento que se situa nesse campo epistemológico e geográfico que eu chamo de espaço de equilíbrio pelo termo *de ocasião*, no sentido do *kairos*, da ocasião que faz o ladrão, da solução de expediente que não pode jamais assegurar a estabilidade, mas também a ocasião do acontecimento, que articula dois fenômenos fazendo disso alguma coisa singular, nova, que vai nos ensinar mais acerca daquilo que temos a dizer” (Despret, 2011).

<sup>5</sup> A Psicologia Transpessoal é uma abordagem em Psicologia e psicoterapia fundada em 1968 na Califórnia (EUA), tendo como eixo central a articulação entre Psicologia e espiritualidade.

<sup>6</sup> Grof Transpersonal Training é a instituição que forma pessoas na perspectiva transpessoal elaborada por Stanislav Grof, um dos fundadores da Psicologia Transpessoal junto com Abraham Maslow.

<sup>7</sup> Nome dado para os coordenadores do módulo.

veloz, alcançou o ombro de uma colega do grupo sentada ao meu lado – que por sua vez se assustou e me deu dois tapas no braço dizendo (rindo) que eu havia feito aquilo de propósito (até poderia ter sido, mas naquele momento não o fora) –, escalou seu cabelo e do topo de sua cabeça voou para o teto se agarrando com as patas nas madeiras acima de nós. O teto era todo feito de troncos de madeira dispostos de forma similar aos telhados circulares de ocas (no cume do telhado, todos convergiam), de modo que não lhe faltariam troncos aos quais se agarrar. Era um tipo de pássaro trepador – não tenho certeza se é essa a definição exata – que costuma subir pelos troncos das árvores para, assim como os pica-paus, vasculhar sinais de miúdos orifícios habitados por pequenas larvas de insetos.

Mais um momento de agitação se deu no grupo. Uma pessoa disse: “ih, e agora?”, outra respondeu: “agora ele vai ficar aqui sofrendo preso”. Vale ressaltar que eu fiquei me sentindo um idiota colonizador de seres livres da natureza protagonizando, ao lado do passarinho, uma cena para mim constrangedora, graças à minha ação tão direta e contundente. Entre risos e preocupações dos demais integrantes da roda, lá estava o nosso amigo pulando de tronco em tronco procurando seu caminho.

Ele, lá do alto, tentava de tudo ao seu modo, assim como nós, cá embaixo, tentávamos o possível do nosso. Depois de aquietada a movimentação das pessoas, voltamos às discussões ordinárias no grupo. Em determinado momento, uma pessoa se levantou e, silenciosamente, abriu umas das janelas. Fiquei observando a cena e pensando: se há um jeito de fazer algo por ele agora é abrir as janelas. As janelas estavam fechadas, pois fazia muito frio no dia. Passado mais um tempo, outra pessoa se levantou silenciosamente e abriu mais uma janela e, quase ao mesmo tempo, outra fez o mesmo. A cena era silenciosa, quase solene. As pessoas abriram as janelas e ajeitaram as cortinas de modo que elas não obstruíssem o caminho do pássaro. Devo confessar que senti uma angústia bastante incômoda, principalmente quando escutava o flap flap das suas asinhas passeando sobre nossas cabeças (eu já estava imaginando diversos meios de tirar tanto ele quanto eu daquela enrascada), mas me mantive quieto.

De repente, quando eu estava distraído, numa das inúmeras tentativas de libertação, ele foi bem sucedido ao se lançar por uma das janelas e me dei conta disso, junto com os outros colegas, pois uma pessoa que estava de frente para essa saída gritou: “ah, ele conseguiu: saiu!”. O grupo deu uma salva de palmas para o recém liberto e eu, é claro, relaxei. Não é à toa que descrevo tal evento do campo, pois percebi como ele opera como uma metáfora de minha posição de pesquisador na relação com o campo. Como as metáforas não se dobram jamais aos esforços de definição dos seus intérpretes – e podem se multiplicar em seus significados –, imagino que cada leitor terá sua própria impressão do ocorrido.

Não obstante, no meu processo, essa situação apontou para a seguinte direção reflexiva<sup>8</sup>: eu queria trabalhar em um salão de janelas fechadas ou abertas? O pequeno pássaro que se choca e desmaia do lado de fora seguia sua trajetória e eu, por minha vez, fui ao encontro dele e o trouxe para dentro do salão que voltou a ficar de janelas fechadas. Esse salão é uma construção, ele é feito para um determinado tipo de seres, que falam a mesma língua, que partilham de símbolos, experiências e práticas que aparentemente os tornam semelhantes.

O pássaro retoma sua consciência e quer seguir sua trajetória. Escapa daquele que o segura e se movimenta agora em um contexto de referências distintas às suas. Emerge uma desconfortável sensação de encarceramento naquele que interferiu em sua trajetória. E a movimentação por parte daquele que deseja seguir seu caminho não cessa. Elementos desse salão de janelas fechadas se movimentam e começam um processo de abertura de janelas, uma, duas, três. O tempo passa e o pássaro segue seu rumo através das janelas que foram abertas.

Essa situação conta sobre a interferência inevitável que se faz como pesquisador. No entanto, há uma escolha a ser feita: se as janelas estarão fechadas ou abertas. Aqui, comeci a apreender como se pode trabalhar com a noção de versão (Despret, 2001), onde as janelas precisam ficar abertas, pois as saídas, as possibilidades são diversas. Inevitável é o risco que se corre ao interferir no campo; trata-se do risco de transformação pelo encontro.

### Fabricando versões

Consideramos que esse trecho do campo por nós escolhido aponta para um modo de relação entre pesquisador e campo que nos traz, como ponto de partida, certas convicções de pesquisa, quais sejam: não entender o campo como algo independente do pesquisador, de seus interesses, de sua movimentação nele. Se assim se trabalha, consequentemente, certo tipo de realidade se fabrica na pesquisa. Essa convicção se articula ao que a psicóloga e etóloga Despret (2001) propõe como sendo uma característica do trabalho dos cientistas, qual seja, a produção de versões. A autora propõe que os saberes produzidos na prática científica sejam entendidos como versões e isso significa que o saber dos cientistas acerca dos fenômenos da realidade e seus objetos de estudo

<sup>8</sup> Vale ressaltar que nesse momento do trabalho de campo eu estava passando ainda por conflitos em relação à minha função como pesquisador e a situação veio em boa hora.

coexistem com outros tantos sob o regime do acordo, da contradição e da controvérsia. Conseqüentemente, os saberes como versões não perdem o seu caráter de conhecimento válido, mas podem ser entendidos como possibilidades, como construções sobre a realidade (produtores de realidades), como práticas que, dependendo da tradição da qual são herdeiras, serão mais ou menos privilegiadas em determinada época.

Despret (2001) usa a noção de versão em contraposição àquela de visão, considerando que a primeira tem um caráter mais flexível e mais capaz de refletir o jogo de negociações e embates que é característico do trabalho dos cientistas. A noção de visão, por sua vez, se mostraria mais próxima de uma posição determinista, estática e impositiva, sublinhando o fato de que uma visão:

*[...] é evidente, ela invade o campo, ela se impõe de fora, e paradoxalmente, utilizando um termo que se refere ao fato de descobrir o mundo sob o modo da revelação e da evidência, a visão nos remete por fim, ao que impede o acesso à verdade (p. 43).*

Uma versão se conta, se propõe, entra em acordo ou desacordo com outras; ela pode transformar, ela pode traduzir, ela pode ser negociada – tornar às vezes negociável o inegociável. Ela se cultiva no mundo, faz o mundo existir e se transforma na relação com o mundo.

*As versões se inscrevem no tempo de uma história, que elas prolongam, transformam, retornam ou articulam; elas se inscrevem também num espaço de uma cartografia de nossos saberes: os lugares podem ser os mais diversos: o laboratório, as instituições médicas, as terras distantes dos antropólogos, a política, as instituições da cultura, os coletivos que são estudados pela sociologia (Despret, 2001, p. 45).*

Nesse sentido, a noção de versão enfatiza a realidade como efeito das práticas, como produção, e por isso é herdeira de tradições que lhe são caras, que ocorrem num tempo e espaço e que, na relação com o mundo, transformam e se transformam. Tais proposições se mostram muito interessantes para o trabalho de um pesquisador que, ao refletir sobre sua prática, se situa nessa dimensão da responsabilidade por uma criação, por suas heranças e articulações com o mundo.

Não deixa de ser válido levar em conta que, se o pesquisador versa sobre a realidade mediante sua prática, é nessa sua ação que ele também se transforma e, dessa feita, uma versão do pesquisador é fabricada. A noção de que a prática de um pesquisador é inventiva conduz à reflexão de que ele mesmo se inventa durante sua própria

prática. Nesses termos, a construção do pesquisador não pode se dissociar da versão que está sendo produzida, pois ele se encontra engajado em sua prática (Kastrup & Tsallis, 2009).

O pesquisador precisa posicionar-se, dentre outras coisas, na relação com o campo. No que se refere a isso, Goldman (2005), antropólogo e etnógrafo, propõe como recurso na prática etnográfica a superação da Grande Divisão entre ‘eles’ e ‘nós’, que serviria muito mais ao propósito de “proteger o etnólogo (esse ser a-cultural, cujo cérebro somente conteria proposições verdadeiras) contra qualquer contaminação pelo seu objeto.” (p. 157). Com essa afirmação, o autor pretende resistir e questionar certos modos de intervenção da prática etnográfica que não articulam, aos problemas da pesquisa, a própria relação entre pesquisador e seus objetos de estudo (sejam nativos, culturas, cientistas, etc.) como algo interessante à produção em pesquisa.

Caminhando com esses argumentos, pesquisar se torna um trabalho inventivo em que pesquisador e campo, articulados, se ‘contaminam’ de um modo criativo. Assim, uma versão que coloque em cena a própria relação do pesquisador com o campo se mostra como um modo de fazer pesquisa mais interessante e mais interessada naquilo que ela própria produz.

### **O trabalho pela via do encontro: métodos que criam mundos**

Na esteira desse processo, mais uma problematização emerge: tomando como norteadora a proposição de que o pesquisador, por meio de sua prática, produz uma versão, como realizar essa intervenção que cria realidade sem que ocorra separação entre campo (e seus elementos) e pesquisador?

Diante dessa questão, é possível caminhar evitando o que Latour (2001) denomina de denúncia crítica, que vem a ser uma das formas de criar essa separação entre os elementos que compõem o que ele chama de baixo mundo<sup>9</sup>, o mundo em sua mistura, em sua complexidade. Nesse sentido, seguir indexando o campo pela lógica “nós” e “eles” recai sobre uma separação fabricada pelo pesquisador que, por sua vez, acaba estabelecendo uma pauta para o encontro de pesquisa.

<sup>9</sup> Baixo mundo é um termo que Latour (2001) utiliza para se referir ao mundo em sua condição híbrida, sem separações pré-definidas e com imensas possibilidades de conexões. Para o autor, o trabalho de um cientista se dá pela purificação (separação) e pela tradução (articulação, hibridização) dos elementos da realidade que se fabrica.

Viégas, M N. & Tsallis, A. C. O Encontro do Pesquisador com seu Campo de Pesquisa: de Janelas a Versões.

Dessa forma, trabalhar pela via da denúncia crítica seria o oposto de trabalhar pela via da reflexividade, em que não se está falando em excluir a crítica, mas sim em distribuí-la simetricamente. Poderíamos dizer que a crítica pela denúncia quer falar de um modo de construir o conhecimento e de relacionar-se com os objetos de estudo, alicerçada na Grande Divisão entre ‘nós’ e ‘eles’. Pela via reflexiva, a crítica é distribuída entre pesquisador e seus objetos de estudo, pois se transita no campo das relações e não das separações. Como diz o senso comum: se você aponta um dedo para alguém, não se esqueça de que há três que se voltam em sua direção. Na verdade, o dedo que aponta e quer fazer aparecer aquilo que é estranho e impuro no “outro” da pesquisa deve retornar ao pesquisador, representante dos tribunais acadêmicos científicos, colocando em foco, também, aquilo que pode ser estranho em suas próprias escolhas pelo que é real e evidente.

O pesquisador está no campo, trabalhando pela ciência (com “c” minúsculo)<sup>10</sup>, trabalha com o mundo, o transforma em argumentos, o traz para o laboratório, se transforma nesse trabalho, procura construir acesso no mundo através de seu trabalho e assim, intervindo, produzir realidades, versões. Estamos falando de um longo, por vezes árduo e divertido, trabalho de negociação entre pesquisador (seus métodos e teorias) e seu campo – e entre o campo e seu pesquisador (Tsallis e Rizo, 2010).

Problematizando o uso dos métodos na prática de pesquisa, Law (2003) faz menção à função performativa dos métodos em ciências sociais. Ele, de um modo muito peculiar, considera que o trabalho de intervenção em pesquisa engendra realidades e não é o trabalho de encontro de uma realidade homogênea e absoluta<sup>11</sup>. Mais uma vez, chega-se à proposição de que a prática de pesquisa deve ser entendida pelo modo da invenção. Para o autor, a realidade pode e deve ser mais bem entendida como uma bagunça e, nesse sentido, qualquer metodologia deve se debruçar sobre esse campo desordenado sem tentar, como meta, purificá-lo, limpá-lo. Ele se coloca em desacordo com um tipo de prática – denominada por ele de higiênica – que almeja um mundo limpo, enfatizando, em contrapartida, a experimentação e a

busca por uma forma de ampliar e tornar mais criativas suas intervenções metodológicas. Segundo afirma:

*Lave as mãos após a mistura com o mundo real. Então você levará uma boa vida de pesquisa. Seus dados serão limpos. Seus resultados justificáveis. O produto que você irá produzir será puro. A garantia de ter uma longa vida de prateleira.*

*Então, existem muitos livros sobre higiene intelectual. Limpeza metodológica. Livros que oferecem acesso à terra firme metodológica da pesquisa em ciências sociais. Sem dúvida, há muita coisa boa nestes textos. Sem dúvida que é útil, na verdade, para saber sobre a significância estatística, ou como evitar a tendência do entrevistador. Dicas para pesquisa são sempre úteis. Mas na medida em que assumem forma de higiene, elas realmente não funcionam, pelo menos para mim. Na prática, a pesquisa precisa ser confusa e heterogênea. Ela precisa ser bagunçada e heterogênea, pois esse é o caminho. E também, e mais importante, ela precisa ser confusa porque esta é a forma como a maior parte do mundo é: impuro, incompreensível em sua regularidade e rotina. [...]. Clareza não ajuda. Uma disciplinada falta de clareza pode ser o que precisamos. (Law, 2003, p. 3)*

Nessa colocação, o autor debate o campo da pesquisa em ciências sociais, questionando o encarceramento do mundo através de uma intervenção metodológica que exclui o que não se adequa aos seus padrões higiênicos. No que concerne a isso, entendemos que, durante o trabalho de campo, não é raro que nos defrontemos com essa desordenação do campo e dos acontecimentos. Percebe-se, com o tempo, que as coisas acontecem porque acontecem. O campo é como um novelo de fios muito bem emaranhados e cabe ao pesquisador realizar um trabalho de ordenamento dessa experiência e não de higienização<sup>12</sup>.

De outro modo, Serres (1994) também põe em cena esse aspecto impuro da pesquisa, positivando-o ao invés de higienizá-lo. Segundo o autor, “Ao invés de limpar impiedosamente todos os germes como nos leva a fazer o puritanismo, os micróbios logo resistindo às nossas técnicas de eliminação, exigindo, por consequência, armamentos renovados, deixemos ali o leite talhado: isto produz às vezes queijos deliciosos” (p. 182).

Sobre esse trabalho de ordenação do mundo através da prática científica, Latour e Woolgar (1997) fazem a seguinte proposta: “Para criar

<sup>10</sup> Para Latour (2001) não se pode falar em uma Ciência maiúscula já que, na prática, o que se observa é a existência de inúmeras ciências, minúsculas. Ele contrasta o termo Ciência ao de Pesquisa dizendo que “Se a Ciência possui certeza, frieza, distanciamento, objetividade, isenção e necessidade, a Pesquisa parece apresentar todas as características opostas: ela é incerta, aberta, às vezes com problemas insignificantes [...], incapaz de distinguir até agora o quente do frio, o subjetivo do objetivo [...]”.

<sup>11</sup> Mol (1999) trata dessa temática e se refere ao real como múltiplo, onde estariam em cena diversas performances do real.

<sup>12</sup> Aqui nos remetemos a Latour (2001) que fala sobre a prática científica em sua dupla ação de purificação e tradução, onde muitas vezes nos defrontamos com monstros híbridos do baixo mundo recheado de misturas. Sobre esse tema ver também Latour (1994).

ordem a partir da desordem, o pesquisador começa por penetrar em seu campo de estudo às apalpadelas para, lentamente, do ruído e da confusão, fazer emergir ‘bolsões de ordem’ (p. 290). Esses bolsões (estabilizações provisórias) são justamente o trabalho de transformação do mundo em argumentos, feito pelo pesquisador, através de ações que buscam construir acesso à realidade para determinados fenômenos de seu interesse.

Nesses termos, o método se faria no contato com esse mundo desordenado e cheio de misturas, pouco claro, sem contornos bem definidos e seria um modo de ordenar os acontecimentos. Ainda seguindo nesse rumo, esse ordenamento poderia se dar no momento em que o pesquisador, em seu trabalho, torna visíveis e presentes no laboratório certos elementos e, simultaneamente, deixa outros ausentes. Sobre isso afirma Law (2003):

*À medida que procuramos conhecer o mundo nem tudo pode ser trazido à presença. Por mais que nós queiramos ser abrangentes, para saber algo plenamente, documentá-lo ou representá-lo, vamos fracassar. Esta não é uma questão de inadequação técnica. (Há sempre, naturalmente, as insuficiências técnicas). Pelo contrário, é porque trazer à presença é necessariamente incompleto, porque se certas coisas fazem-se presentes (por exemplo, representações), em seguida, ao mesmo tempo, outras também necessariamente estão sendo feitas ausentes. Os dois caminham juntos. Não pode ser de outra forma. Presença implica ausência (p. 7).*

Essa proposição do autor põe em cena um aspecto que consideramos importante do trabalho e que articula o visível e o invisível da pesquisa. De fato, no trabalho de campo, muitas situações complexas emergem. O diário de campo é testemunha de muitas histórias e, em determinado momento, joga a favor da fabricação de uma determinada versão: certos elementos desse mundo híbrido, desordenado, desse delicioso queijo de acontecimentos selvagens têm que entrar no texto, enquanto outros se escondem (ou são escondidos?).

Um indicador de um caminho reflexivo sobre o encontro do pesquisador com seu campo de pesquisa é buscar deixar claro o que ficou na ausência, ainda que isso não seja possível em sua totalidade; é fundamental que o pesquisador se posicione quanto a isso, colocando em cena os motivos que o levaram a fazer determinadas escolhas pela presença de certos elementos no texto. Isso significa explicitar continuamente as condições de produção do trabalho; significa, igualmente, uma aposta teórico-metodológica que se entende engajada ao processo.

## Considerações Finais

Chegando nesse ponto, deixamos uma proposição: de que as próprias ferramentas metodológicas sejam levadas continuamente em conta como instrumentos efetivos do processo de fabricação de versões. Em outras palavras, entendemos que não só a teoria cria mundos e realidades possíveis, como também os métodos são instrumentos de construção de acesso para elementos do mundo, caracterizando-se como modos de produzir realidades.

Diante disso, a pergunta é: que realidade estamos dispostos a criar, através de uma pesquisa? As questões negociadas graças ao trabalho de encontro com o campo servem a que propósito? Tais perguntas, mais do que feitas para serem respondidas, são aliadas na manutenção de um estado reflexivo sobre a prática do pesquisador no encontro com o campo.

Seguindo ainda na trilha da intervenção do pesquisador no campo através de seus métodos, é possível retomar a questão da performatividade tanto pela via da política ontológica quanto pela dimensão dos métodos. Mol (1999) utiliza a expressão “política ontológica” para tornar visível essa noção de que, de modo ativo, “a realidade não precede as práticas banais com as quais interagimos, antes sendo modelada por estas práticas” (p. 2); as condições de possibilidade para sua existência não são dadas *a priori* e sim por um contínuo processo.

Já Law & Urry (2003) explicitam como os métodos de pesquisa “têm efeitos, eles fazem diferenças, pois eles performam realidades, e podem contribuir para trazer à existência aquilo que também buscam descobrir” (p. 3). Assim a realidade se multiplica e diversas possibilidades ganham vida. Eles exemplificam a dificuldade de se trabalhar com a noção de múltiplas realidades mediante uma antiga parábola budista sobre os cegos e o elefante. Ei-la na íntegra:

*Os cegos apalparam a cabeça do animal e declararam: ‘Um elefante é como uma vasilha d’água’, mas os que apalparam suas orelhas, disseram: ‘Ele é como uma peneira’ e os que pegaram as suas presas discordaram: ‘Não, na verdade, ele é como uma relha de arado’ e os que apalparam sua tromba: ‘É igual à vara do arado’. Havia alguns acariciando sua barriga, que protestaram: ‘Não, é como um barril para armazenamento!’ Os que tocaram suas pernas argumentaram que o animal era igual aos pilares; os que tocaram no seu reto, que era como um morteiro; quem tocou no seu membro reclamou que era como um pilão; enquanto os restantes, em sua cauda, gritaram: ‘Um elefante é como um abano!’*

Viégas, M. N. & Tsallis, A. C. O Encontro do Pesquisador com seu Campo de Pesquisa: de Janelas a Versões.

*E, furiosos, brigaram entre si, com punhos, gritos e berros: 'É com isto que um elefante se parece'. 'Não, não é assim que o elefante é.' 'O elefante não tem nada a ver com isso'. 'É assim que o elefante é.'* (Campbell, 1992, p. 19).

Não se trata para Law & Urry (2003) de uma realidade que está esperando pelas diversas interpretações sobre ela (o elefante), mas sim de diversas realidades que são performadas através do encontro singular, local e situado que se estabelece entre pesquisador e campo<sup>13</sup>. No final das contas, nessa parábola, teria feito diferença se os cegos tivessem perguntado algo ao elefante sobre si mesmo? Será que ele diria: “Por quê tanto me tocam?” ou “Agora é a minha vez” ou “Posso chamar meus amigos também?” ou ainda “Por favor, não juntem suas impressões pois vocês criarão um monstro e acho que sou apenas um elefante”. Possibilidades a parte, fiquemos com a interrogação acerca das perguntas ou intervenções que devemos fazer ao (no) campo – essa realidade que a princípio parece ainda distante do pesquisador – para que emergjam respostas interessantes, realidades interessantes para todos que compartilham desse encontro.

## Referências

- Campbell, J. (1992). *As máscaras de Deus: mitologia primitiva*. São Paulo: Editora Palas Athena.
- Despret, V. (2011). Dossiê Despret. *Fractal: Revista de Psicologia*, 23(1), 5-82.
- Despret, V. (2001). *Ces émotions qui nous fabriquent: ethnopsychologie des émotions*. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Ronde/ Le Seuil.
- Goldman, M. J. (2005). Favret-Saada, os afetos, a etnografia. *Cadernos de campo*, 13, 149-153.
- Kastrup, V., & Tsallis, A. (2009). Acoplamentos, vínculos e deficiência visual: sobre um vetor de atravessamento Varela-Latour. *Informática na educação: teoria & prática*, 12(2), 12-22.
- Latour, B. (2002). *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Bauru: Edusc.
- Latour, B. (2001). *A esperança de Pandora*. São Paulo: Edusc.
- Latour, B. (2000). *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade a fora*. São Paulo: UNESP.
- Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34.
- Latour, B., & Woolgar, S. (1997). *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Law, J. (2003). *Making a mess with method*. Recuperado em 26 setembro, 2009, de <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/jlaw.html>
- Law, J., & Urry, J. (2003). *Enacting the social*. Recuperado em 11 maio, 2010, de <http://www.lancs.ac.uk/fass/sociology/papers/law-urry-enacting-the-social.pdf>.
- Mol, A. (1999). Ontological Politics. A Word and some questions. In J. Law, & J. Hassard (Orgs.). *Actor Network Theory and After*. (pp. 74-89). Blackwell: Oxford.
- Moraes, M. (2010). PesquisadorCOM: política ontológica e deficiência visual. In M. Moraes, & V. Kastrup (Orgs.). *Exercícios de ver e não ver: arte de pesquisa COM pessoas com deficiência visual*. (pp 26-51). Rio de Janeiro: Nau.
- Serres, M. (1994). *Eclaircissements: entretiens avec Bruno Latour*. Paris: Flammarion.
- Tsallis, A., & Rizo, G. (2010). Teoria Ator-rede: um olhar sobre o trabalho de campo em psicologia. In A. A. L. Ferreira, L. L. Freire, M. Moraes, & J. J. Arendt (Orgs.). *Teoria Ator-rede e Psicologia*. (pp. 222-232). Rio de Janeiro: Nau.
- Viégas, M. N. (2011). *Os grupos holotrópicos e a fabricação das oportunidades para curar*. Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Recebido: 21/10/2011  
Revisado: 28/11/2011  
Aprovado: 15/12/2011